

DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO VOLUNTÁRIA E A CRÍTICA MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: TDAH À LUZ DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Ezequiel Francisco Carvalho Viana¹
João Paulo Lopes Coêlho²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é compreender como a psicologia histórico-cultural tem contribuído na discussão atual em torno do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade acometido em crianças. Primeiramente, fez-se necessário assimilar como a Psicologia Histórico-Cultural compreende o desenvolvimento da atenção voluntária, para, posteriormente, entender suas críticas à medicalização da educação contemporânea que toma como princípio o suposto transtorno de atenção. Para alcançar tal objetivo, foi realizado um levantamento bibliográfico, tendo como procedimento metodológico a busca de trabalhos científicos em dois bancos de dados: Capes e Google Acadêmico. Como palavras-chave, de forma combinada, foram utilizadas: psicologia histórico-cultural, TDAH, Vygotsky. Como considerações finais, discutiu-se que a Psicologia Histórico-Cultural, ao contrário de uma visão maturacionista do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como é o caso da atenção voluntária, inclui questões de ordem política, social, sobretudo, cultural, sem excluir a dimensão biológica, pois esta se apresenta como o ponto de partida para que o homem se constitua como tal e como uma unidade indissociável junto com a dimensão social. Por fim, como sugestão para os próximos estudos, faz-se útil investigar as relações políticas e ideológicas que estão implicadas desde o conhecimento científico até os processos de encaminhamento, diagnóstico e tratamento da criança considerada hiperativa ou desatenta.

Palavras-chave: Ritalina, Vygotsky, Educação.

INTRODUÇÃO

O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, o popular TDAH, tem ganhado especial notoriedade no campo das psicopatologias, sendo, inclusive, um dos maiores problemas relacionado à saúde mental infantil. É crescente o número de diagnósticos de crianças hiperativas ou desatentas, as quais são recorrentemente tratadas via ritalina, psicoestimulante utilizado tanto para patologias da atenção quanto para melhoria das funções cognitivas.

Ortega (2010), em seu estudo sobre produções, discursos e práticas em torno da ritalina, coloca dados alarmantes sobre uso dessa droga. Citando o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre produção e consumo de psicotrópicos do ano de 2008, o autor constatou que o metilfenidato, conhecida como ritalina no Brasil, foi o psicofármaco mais produzido no

¹ Graduando do Curso do Centro Universitário 7 de Setembro – UNI7, ezequielvianaa@outlook.com;

² Professor orientador: mestre em Psicologia, Centro Universitário 7 de Setembro – UNI7, jpcoelhopsi@gmail.com

ano de 2006 (cerca de 38 toneladas), sendo o EUA o país de maior consumo mundial. No Brasil, no ano de 2006, a fabricação da ritalina foi de 226 kg, além da importação de mais 91. O autor conclui que essa posição de destaque no que se refere à fabricação e consumo da droga diz respeito a legitimação do diagnóstico médico em torno do TDAH, acrescentando também a medicação de adultos TDAH e de indivíduos que fazem ingestão da droga com a finalidade, por exemplo, de elevar seu desempenho acadêmico. Além disso, mediante a análise de publicações científicas, o autor percebe a predominância do metilfenidato como terapêutica para o TDAH, isentando, em certa medida, a psicoterapia, e suscitando, por parte do autor, a crítica de que o uso massivo da medicação tem produzido indivíduos desatentos e hiperativos, na medida que cria novos padrões de normalidade cognitiva.

Martinhago (2018), nessa mesma perspectiva, discute o crescente número de diagnósticos falso-positivos, isto é, diagnósticos estes que enquadram o sujeito numa condição psicopatológica sem evidências seguras, e, por conseguinte, que contribui para o aumento do consumo de medicamentos, cenário este atribuído, especialmente, as últimas versões do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), responsável por multiplicar o número de transtornos mentais. De fato, segundo a autora, nos Estados Unidos, em 1955, uma em cada 468 pessoas sofriam de algum transtorno mental. Em 2007, a proporção passou a ser de uma para cada 76 estadunidenses. No caso do TDAH, ainda segundo a autora, transtorno que já afeta entre 5 a 10% das crianças e adolescentes em diversos países e continentes, o diagnóstico é clínico - não há evidências de um marcador biológico verificável através de exames laboratoriais, o que, no entanto, não exclui a existência do transtorno. Contudo, os resultados de sua pesquisa, mesmo assim, mostraram o quanto a prescrição medicamentosa parece ser a única e decisiva alternativa para garantir, sobretudo, o sucesso escolar do sujeito TDAH, sem muito ser considerado os efeitos adversos que o medicamento pode proporcionar, seja no consumidor ou na família deste, o que explicita uma necessidade de solução médica para os percalços da vida familiar, tornando tais percalços, portanto, patológicos.

O objetivo do presente artigo é compreender como a psicologia histórico-cultural tem contribuído na discussão atual em torno do TDAH acometido em crianças. Primeiramente, fez-se necessário assimilar como a Psicologia Histórico-Cultural compreende o desenvolvimento da atenção voluntária, para, posteriormente, entender suas críticas à medicalização da educação contemporânea que toma como princípio o suposto transtorno de atenção. Foi realizado um levantamento bibliográfico, tendo como procedimento metodológico a busca de trabalhos científicos em dois bancos de dados: Capes e Google Acadêmico. Entende-se que a Psicologia

Histórico-Cultural, ao contrário de uma visão maturacionista do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como é o caso da atenção voluntária, inclui questões de ordem política, social, sobretudo, cultural, sem excluir a dimensão biológica, pois esta se apresenta como o ponto de partida para que o homem se constitua como tal e como uma unidade indissociável junto com a dimensão social

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento bibliográfico, tendo como procedimento metodológico a busca de trabalhos científicos em dois bancos de dados: Capes e Google Acadêmico. Como palavras-chave, de forma combinada, foram utilizadas: psicologia histórico-cultural, TDAH, Vigotsky, medicalização. O critério de inclusão definido para a seleção dos artigos, dissertações ou teses foi, fundamentalmente, a capacidade de retratar uma abordagem histórico-cultural referente ao TDAH, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado, sendo, posteriormente, os achados analisados e discutidos.

DESENVOLVIMENTO

A história do TDAH é marcadamente influenciada pelo viés neurobiológico. Desde um defeito no controle moral (concepção) até um suposto defeito inibitório que afeta as funções executivas cerebrais (concepção atual), o TDAH ainda tem um diagnóstico muito controverso. Críticos da visão biomédica, enfatizam a diversidade dos sintomas, que em sua história ocuparam diferentes posições em relação ao grau de importância diagnóstica; a escola como um espaço propício para a manifestação da desatenção, hiperatividade e impulsividade; os interesses econômicos que podem resultar de um diagnóstico, cujo tratamento seja eminentemente farmacológico; as novas realidades culturais, atravessadas pelo consumismo, pelo excesso de informações, pela perda da autoridade familiar, estatal e religiosa, entre outros argumentos críticos (CALIMAN, 2010).

Dentre os autores críticos da visão biomédica em torno do TDAH, encontram-se muitos autores da Psicologia de abordagem Histórica – Cultural (EIDT;TULESKY, 2010; EIDT;TULESKY, 2014; GIRÃO;COLAÇO, 2018; LEITE;TULESKY, 2011; MELLO, 2007; RIBEIRO;VIÉGAS, 2016; LEITE; REBELLO, 2014; SIGNOR, 2013), abordagem esta que recusa uma visão maturacionista das funções psicológicas, e, por conseguinte, questiona veementemente o fenômeno da medicalização contemporânea, especialmente quando se trata

de crianças desatentas ou hiperativas, priorizando uma reflexão crítica acerca das condições sociais, históricas, culturais e biológicas, as quais, de maneira integrada, devem ser analisadas a fim de entender como se está dando a formação do psiquismo humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Psicologia Histórico – Cultural entrelaça questões políticas, sociais, sobretudo, culturais, quando o assunto é o desenvolvimento humano, não desconsiderando a relevância da dimensão biológica, a qual, sem dúvidas, merece atenção, pois é o ponto de partida para que o homem se constitua como tal. Sob um enfoque histórico-cultural, não se pode pensar a dimensão biológica e social do sujeito separadas. Nessa conjectura, as funções psicológicas complexas (atenção voluntária, memória, percepção e pensamento) não são decorrentes apenas do funcionamento de determinada área do cérebro: deve-se ater ao caráter histórico do desenvolvimento da função durante a existência da humanidade e à cultura, a qual, pelos seus recursos externos, funciona como mediadora e organizadora. As duas dimensões – biológica e social -, portanto, constituem uma unidade indissociável, na qual uma exerce influência sobre a outra. Assim, a psicologia histórico-cultural não propõe um reducionismo, mas sim um olhar que permita compreender o desenvolvimento orgânico do sujeito sob a influência do contexto social, histórico e cultural (LEITE; REBELLO, 2014).

Nesse sentido, a atenção voluntária, que supostamente é “anormal” no indivíduo com TDAH, é entendida, não apenas como a ausência de falhas orgânicas, mas a partir dos processos de apropriação cultural, isto é, da apropriação da experiência humana conquistada ao longo da história, que se dá a partir das atividades de mediação, denominadas signos e instrumentos (RIPPER, 1993). Os signos culturais atuam como mediadores internos, isto é, voltados para o controle do comportamento do próprio indivíduo. Podemos citar como importante exemplo a linguagem. Os instrumentos culturais, por sua vez, apresentam uma orientação mais externa, voltados para o controle da natureza, embora isto também afete a própria cognição humana. Desde a lança até o “smartphone”, os instrumentos, em um movimento de dialética, juntamente com os signos, são importantes atividades de mediação das funções psicológicas superiores, como é o caso da atenção voluntária. Logo, o TDAH, na perspectiva histórico-cultural, é explicado a partir de uma apropriação parcial da atividade humana, na medida que cognição e cultura são elementos inseparáveis para a formação do psiquismo humano (LEITE; TULESKY, 2011; RIBEIRO; VIÉGAS, 2016; MEIRA, 2012; EIDT; TULESKY, 2007; SILVA, ALMEIDA, FERREIRA, 2011; LEITE; REBELLO, 2014).

A apropriação cultural só é possível quando envolve a interação da criança com seu meio físico e social. As funções psicológicas superiores, como é o caso da atenção voluntária, organizam-se, inicialmente, a partir da atividade interpsicológica, isto é, das relações sociais – podendo ser aí que as dificuldades de atenção se originem (ROSA, 2003). Posteriormente, é que sua regulação passa a se dar no plano intrapsicológico, isto é, individual (GIRÃO; COLAÇO, 2018). Assim, na relação com os demais sujeitos, a criança é inserida em novas atividades e tem esse aspecto – a atenção voluntária - organizada. Por exemplo, o primeiro estágio da formação da atenção voluntária se dá quando a criança fixa seu olhar em um objeto indicado pelo adulto. Com o desenvolvimento da linguagem, a criança é capaz de indicar com um gesto ou nomear o objeto com uma palavra correspondente, deslocando com mais autonomia sua atenção. Há também o uso da fala para conduzir a ação. A medida que a criança vai crescendo, esse recurso linguístico vai solucionando problemas cada vez mais complexos. Dessa forma, o sujeito vai se apropriando de habilidades culturais necessárias para refrear os impulsos e aprender a não reagir imediatamente a estímulos exteriores (EIDT, TULESKY, 2010; EIDT; TULESKY; FRANCO, 2014).

Nesse sentido, é importante a reflexão sobre como estão se dando os processos de apropriação da cultura dentro de um contexto pós-moderno de excesso de positividade, informações, estímulos e impulsos. As demandas da vida prática, a compulsão da ação, o imediatismo e a lógica das multitarefas podem estar afetando a atenção das pessoas, especialmente das crianças (FERNANDES; OLIVEIRA, 2018). A cultura ocidental vigente está pautada na rapidez, na liquidez. No contexto da sociabilidade, se antes falávamos em relações, hoje parece mais honesto falar em conexões - ganhamos em quantidade, mas perdemos em qualidade, assim, viver em rede, e não de parcerias, é uma consequência, dando outra dinâmica social (BAUMAN, 2003). Vivemos tempos de “desagregação dos laços sociais, o recuo dos sentimentos de inclusão, a fragilização da vida profissional e afetiva, o afrouxamento dos laços familiares” (LIPOVETSKY, 2007, p. 290). Bauman (2001) vai nos dizer que essa condição de profunda desintegração da rede social foi um resultado inesperado com a ascensão da ordem líquida e fluída no nosso mundo.

A criança, sem dúvidas, é o modelo dessa sociedade. Exige-se dela, ao mesmo tempo, intensidade e dispersão: ao passo que seu trabalho intelectual é cada vez maior, o número de afazeres e estímulos, sobretudo, tecnológicos, também somam. A hiperatividade e a atenção flutuante já são marcas constitutivas de suas rotinas. É questionável entender os sintomas do TDAH como decorrentes de uma doença neurológica (GIRÃO; COLAÇO, 2018; FREUD,

2014). Muito parece que essa “epidemia” de TDAH se justifica na medida que as influências históricas, sociais e psíquicas do sujeito são avaliadas com menor profundidade ao muito se valorizar o saber biomédico, valendo ressaltar que a infância, bem como os comportamentos desviantes e doentios associados a ela, é também uma construção histórica e cultural (MELLO, 2007; POMBO, 2017).

A Psicologia Histórico-Cultural ensina que as crianças não podem ser vistas a partir de uma perspectiva determinista no que se refere ao desenvolvimento ou não da desatenção e/ou hiperatividade, mas devem ser analisadas também sob a ótica da qualidade de seus vínculos sociais e culturais e o que estes possibilitam no que diz respeito aos processos de mediação. O cérebro é um órgão dinâmico, flexível, e os processos sociais precedem os cognitivos. A oposição à medicalização da educação se sustenta na medida que, primeiramente, a desmotivação das crianças destinada ao contexto escolar revela uma relação de sofrimento, e, posteriormente, pensar as condições socioeducacionais que envolve a criança pode contribuir para a diminuição do império do saber biomédico, na medida que o problema não se resolverá apenas pela via da medicalização (SIGNOR, 2013).

Signor (2013), por exemplo, por meio de análise de caso de uma menina diagnosticada com TDAH, discorre sobre os discursos que se instauram em torno da criança considerada hiperativa/desatenta e as consequências disto na autoimagem da criança, e, por conseguinte, no seu processo de aprendizagem, tendo como hipótese a escola como facilitadora do surgimento dos sinais típicos do TDAH. Neves e Leite (2013), a partir de intervenções psicológicas educacionais realizadas durante o estágio supervisionado - isto é, atividades de ensino intencional que favorecessem o desenvolvimento das funções psíquicas superiores -, constatou que o sujeito foco de seu estudo – diagnosticado com TDAH - apresentou comportamentos diferentes, especialmente no âmbito da atenção voluntária, suscitando a crítica do diagnóstico clínico como justificativa para o fracasso escolar e para a limitação da reflexão acerca do papel do professor, bem como das práticas pedagógicas. Rosa (2011), entendendo que as dificuldades de atenção estão relacionadas à constituição do sujeito que se dá em seu meio social, por meio de uma pesquisa-intervenção baseado em um método histórico-cultural, percebeu resultados positivos ao promover o desenvolvimento do pensamento reflexivo e das capacidades de planejamento, controle e avaliação.

Pode-se perceber que intervenções educacionais - e não exclusivamente psicofarmacológicas-, podem atenuar os sintomas do TDAH. Isto, para além de uma problematização do suposto transtorno de atenção como sendo de ordem psiquiátrica ou não,

indica que há uma dimensão cultural implicada. Nesse sentido, é necessário pensar como está se dando a formação de interesses pelo estudo, o valor social e subjetivo da escola que é internalizado pela criança, o papel do professor - que é de tornar a apropriação do conhecimento humano adquirido historicamente estimulante e dotado de sentido para o estudo, para que, assim, seja fixado -, entre outras questões. A Psicologia histórico-cultural se permite investigar a essência do fenômeno TDAH, discutindo como se dá o processo de desenvolvimento da atenção e o que é necessário para que ele ocorra, sem desconsiderar a dimensão biológica ou social do sujeito (LEITE, 2015).

No entanto, o que se percebe é que o discurso médico invadiu as escolas. Diante das crianças que apresentam comportamentos “anormais”, a solução mais viável é encaminhá-las para avaliações médicas ou neuropsicológicas. Provavelmente, serão medicadas, pois tal tratamento é barato e imediato (DE FREITAS, 2011). É sob essa conjectura que Cruz, Okamoto e Ferrazza (2016), analisando o TDAH e a medicalização da educação a partir do relato de pais e professores, percebe como a busca por terapêuticas rápidas, isto é, medicamentosas, é preponderante quando dificuldades ou anormalidades são apresentadas na criança – sem dúvidas, o contexto pós-moderno sinaliza tal rapidez. Segundo os autores, isso acontece mesmo quando o tratamento não oferece resultados eficazes e quando os professores não notam diferenças comportamentais da criança medicada, o que evidencia a popularização do saber psiquiátrico, em detrimento do saber parental constitutivo do laço social e afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescente número de crianças diagnosticadas com o suposto transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, o império da visão biomédica em torno do desenvolvimento ou não das faculdades mentais e o fenômeno preocupante da medicalização contemporânea, sobretudo, da educação, tem lançado as bases de um pensamento crítico que busca discutir condições sociais, históricas e culturais que perpassam as crianças consideradas desatentas ou hiperativas.

A Psicologia Histórico-Cultural, ao contrário de uma visão maturacionista do desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como é o caso da atenção voluntária, inclui questões de ordem política, social, sobretudo, cultural, sem excluir a dimensão biológica, pois esta se apresenta como o ponto de partida para que o homem se constitua como tal e como uma unidade indissociável junto com a dimensão social.

Assim, entendendo que o cérebro é um órgão dinâmico, flexível, e que os processos sociais precedem os cognitivos, a Psicologia Histórico-Cultural vai realizar reflexões acerca de como está se dando os processos de apropriação cultural dentro de um contexto pós-moderno, o qual exige das crianças uma contínua dispersão e intensidade, e vai problematizar, principalmente, as condições socioeducacionais que estão estabelecidas, as quais parecem, muitas vezes, ter uma profunda relação com os sintomas de desatenção, hiperatividade ou impulsividade.

Com relação à apropriação do discurso psiquiátrico pelas escolas, refletida na grave medicalização da educação, cabe realizar a seguinte reflexão crítica inspirada no pensamento do teórico educacional americano Michael Apple: para que ou quem servem as escolas? (MOREIRA, 1989).

Como sugestão para os próximos estudos, faz-se útil investigar as relações políticas e ideológicas que estão implicadas desde o conhecimento científico até os processos de encaminhamento, diagnóstico e tratamento da criança considerada hiperativa ou desatenta. Ademais, como limitação do estudo, que poderá ser aprimorado nos trabalhos futuros, destaco a inexistência de referências internacionais, sobretudo de cunho histórico-cultural, para melhor embasar a discussão que se tem em torno do TDAH.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CALIMAN, Luciana Vieira. Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 46-61, 2010.

CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 703-714, set. 2016.

DE FREITAS, C. R. **Corpos que não param: criança, "TDAH" e escola.** (Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

EIDT, Nadia Mara; TULESKI, Silvana Calvo. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e psicologia histórico-cultural. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 139, p. 121-146, abr. 2010.

EIDT, Nadia Mara; TULESKY, Silvana Calvo. Repensando os distúrbios da aprendizagem a partir da Psicologia Histórico – Cultural. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 531-540, set./dez. 2007.

EIDT, Nadia Mara; TULESKY, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana de Fátima. Atenção não nasce pronta: o desenvolvimento da atenção voluntária como alternativa à medicalização. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 25, n.1, p. 78-96, jan./abri. 2014.

FERNANDES, Rosana Aparecida; OLIVEIRA, José Menna. Quem são os autênticos intranquilos da contemporaneidade?. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 259-278, jan.-abr. 2018.

FREUD, Joseph Knobel. Sobre o TDAH: transtorno ou invenção?. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 66, n. 1, p. 54-57, 2014.

GIRÃO, Marina Serejo; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. TDAH na infância contemporânea: um olhar a partir da sociologia da infância e da psicologia histórico cultural. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v.13, n 1, p. 1-13, jan-abr., 2018.

LEITE, Hilusca alves; REBELLO, Marilene Proença. O desenvolvimento da atenção como objeto de estudo: contribuições do enfoque histórico-cultural. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2014.

LEITE, Hilusca Alves; TULESKI, Silvana Calvo. Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 111-119, jun. 2011.

LEITE, H. A. A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da psicologia histórico-cultural. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Escolar e Desenvolvimento humano, USP, São Paulo, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo. Companhia das Letras, 2007.

MARTINHAGO, Fernanda. TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, out. 2018.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 136-142, June 2012.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. A contribuição de Michael Apple para o desenvolvimento de uma teoria curricular crítica no Brasil. **Forum educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 17-30, set./nov. 1989.

NEVES, Anderson Jonas das; LEITE, Lúcia Pereira. O desenvolvimento da atenção voluntária no TDAH: ações educativas na perspectiva histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n.1, p. 181-184, jan./jun., 2013.

ORTEGA, Francisco. et al. A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 499-512, sept. 2010.

POMBO, Mariana Ferreira. Medicalização do sofrimento na cultura terapêutica: vulnerabilidade e normalidade inalcançável. *Rev. Eletron Comum Inf Inov Saúde*, v.11, n. 1, p. 1-14, jan./mar. 2017.

RIBEIRO, Maria Izabel Souza; VIÉGAS, Lygia Sousa. A abordagem histórico-cultural na contramão da medicalização: uma crítica ao suposto tdah. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 157-166, jun. 2016.

RIPPER, Afira V. Significação e mediação por signo e instrumento. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 25-30, abr. 1993.

ROSA, Solange Aparecida da. Dificuldades de atenção e hiperatividade na perspectiva histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.15, n. 1, p. 143-150, jan./jun. 2011.

SIGNOR, Rita. Attention deficit hyperactivity disorder: a social and historical analysis. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1145-1166, dec. 2013.

SILVA, Maria Cintra da; ALMEIDA, Célia Maria de Castro; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vygotsky na discussão do tema. **Psicologia em Estudo**, v.16, n. 2, p. 219-228, abr./jun. 2011.